



## **RESENHA DO LIVRO – A REIVINDICAÇÃO DE ANTÍGONA: O PARENTESCO ENTRE A VIDA E A MORTE**

*Book review – Antigone's Claim: Kinship Between Life and Death*

**Albérico Araújo Sial Neto**  
**Pontifícia Universidade Católica – Rio de Janeiro (PUC-Rio)**

**\*Bolsista CNPQ**

Publicado originalmente em meados dos anos 2000, o livro *a Reivindicação de Antígona: o parentesco entre a vida e a morte*, de Judith Butler, tem como objetivo principal refletir sobre as relações de parentesco que vão além dos princípios associados à heteronormatividade. O livro coloca em questão o poder legislativo do Estado e o desejo individual, a partir de um diálogo explícito com Hegel e Lacan.

O livro é constituído de três capítulos que apresentam de forma gradual o enredo da peça de Sófocles à medida que analisam a estrutura normativa do parentesco estabelecida pelo valor simbólico. Esse valor simbólico exclui qualquer representação de relações familiares no limite do que é humano. O texto apresenta, por consequência, diversos questionamentos que desestabilizam a categoria de sujeito, sem chegar a um significado final e completo.

O primeiro capítulo, homônimo à referida obra da filósofa, desenvolve um olhar sobre as relações entre gênero estado e parentesco. Referente ao segundo capítulo, intitulado “Leis não escritas, transmissões aberrantes”, há a atribuição de uma maior ênfase política. Não apenas a política pública, mas também às da linguagem, que invariavelmente atravessa as condições que permitem o exercício do poder do Estado. Por fim, no capítulo denominado “Obediência Promíscua”, a autora retorna às questões de parentesco, enfatizando que o parentesco não representa uma situação na qual estamos sem certa colaboração. As relações de parentesco ocorrem através de um conjunto de práticas em que vários agentes estão envolvidos.

Em um amplo espectro, *A Reivindicação de Antígona*, teve como origem contextos sociais e políticos atuais. Segundo Butler,

Comecei a pensar em Antígona há alguns anos, ao me perguntar o que havia acontecido com aqueles esforços feministas para confrontar o Estado. Vi em Antígona uma possibilidade de contraposição à tendência, defendida por algumas novas feministas, de recorrer ao apoio e à autoridade do Estado para implementar seus objetivos políticos (Butler, 2022, p. 25).

Nesse sentido, é possível perceber que o contexto social e político conduziu o contato de Butler com a personagem Antígona. Mas não só isso. Além desse contexto, o contato da filósofa com a personagem de Sófocles surge depois da leitura das interpretações de Hegel e de Lacan, dentre outras, acerca da personagem trágica. Essa demarcação situacional é importante, pois justifica como Butler interpreta Antígona e seus parentes.

No que diz respeito às interpretações de Hegel e Lacan, segundo Butler, elas são cheias de cegueira. Essa cegueira se apresenta na medida em que Antígona é contraposta a Creonte como um choque de forças entre parentesco e Estado. Tal contraposição parece levar em conta que, por um lado, a personagem emergiu do parentesco, sendo Antígona filha de um relacionamento incestuoso, e, por outro, da fidelidade a um amor impossível e incestuoso por seu irmão.

Com isso, a filósofa, em princípio, tendeu a interpretar Antígona como alguém que teria gasto as suas energias para desafiar e confrontar o Estado, ou seja, interpretá-la como uma personagem política. Entretanto, o distanciamento do diálogo com Hegel e com Lacan fez com seus estudos se desenrolassem para desenvolver um olhar sobre as relações de gênero, Estado e parentesco.

O distanciamento de Butler para com as leituras hegeliana e lacaniana ocorreu porque essas leituras são problemáticas. A leitura hegeliana e a leitura lacaniana são problemáticas na medida em que, Antígona é identificada como uma transição da norma do matriarcado para a norma do patriarcado, e também como o princípio do parentesco. Mas não somente isso, Antígona não desaparece como figura feminina, e não pode se redefinir como figura de mãe, que é alguém cuja única tarefa dentro das viagens do espírito é produzir um filho para os propósitos do Estado um filho que deixa a família para se tornar um guerreiro cidadão. Assim, ser cidadão parece exigir uma repulsa ao parentesco e essa repulsa parece ser o valor de possibilidade para o surgimento do cidadão masculino. Entretanto, ao se recusar a assumir a figura de mãe, Antígona recusa também a possibilidade de produção de um filho. Muito por

conta disso, Antígona está em diáspora para com a cidade. Isso porque, ela não é capaz de oferecer ou receber reconhecimento dentro de uma ordem ética. O único tipo de reconhecimento que ela pode ter é o de seu irmão.

Vale ressaltar, Butler interpreta o conceito de ordem ética (*Sittlichkeit*) hegeliano, conceito demasiadamente relevante para o pensamento butleriano, como as normas articuladas que governam as fronteiras de inteligibilidade cultural. Além disso, é importante salientar que o conceito de reconhecimento, na filosofia hegeliana, é recíproco por definição. Ou seja, o reconhecimento é algo que depende, por essência, de um par de indivíduos, como pode ser visto na dialética do senhor e do escravo.

Ademais, seguindo a crítica butleriana à leitura hegeliana de Antígona, a dinâmica de reconhecimento entre irmãos parece ser atravessada pela ausência de desejo. Na verdade, é a falta de desejo entre irmãos que os qualifica para o reconhecimento dentro dos ditames do parentesco. Dessa maneira, a proibição do incesto parece constituir a possibilidade de reconhecimento pressupondo uma estabilidade pré-política do parentesco.

Desse modo, segundo Butler, a interpretação hegeliana se apresenta como um instrumento textual da proibição do incesto. Nessa perspectiva, Antígona é percebida como uma transição entre normas e princípios. Essa transição é destacada principalmente pelo fato de que Antígona se recusa a assumir a figura de uma matriarca. Sendo que essa rejeição torna a personagem incapaz de oferecer ou receber reconhecimento dentro de uma ordem ética.

Já no que se refere à Lacan, Butler observará que ele também sugere que existe uma certa idealidade para o parentesco e que Antígona nos oferece acesso a essa posição simbólica. Dessa maneira, o irmão de Antígona existiria de forma simbólica e seria ao irmão simbólico quem Antígona realmente ama. Além disso, para Butler, os lacanianos tendem a separar o social e o simbólico do parentesco. Tal separação congela, por assim dizer, os arranjos sociais do parentesco como algo intacto e intratável, como aquilo que a teoria social pode fazer em um registro diferente e em um momento diferente. Desse modo, a perspectiva lacaniana separa o que é social do que é simbólico apenas para reter um sentido invariável de parentesco nesse último.

Apesar das críticas à interpretação hegeliana e lacaniana, Butler se apropria do conceito de ordem ética e do conceito de simbólico para traçar o caminho de sua interpretação. A partir disso, Butler indica que Antígona realiza atos de desafio por meio da contestação em forma

verbal. Ao confessar suas ações, Antígona faz seu ato se converter em uma possessão gramatical. Isso porque dizer que fez implica em reivindicar o ato e, ao reivindicar, empreender outro crime que é, justamente, a publicação desse ato.

Nesse sentido, ao afirmar seu ato, Antígona assume uma espécie de virilidade que requer o outro como inferior. Seguindo essa ótica, os atos de Antígona podem ser vistos como ambíguos. Essa ambiguidade não está associada apenas ao ato de enterrar o irmão, mas também à verbalização desse ato. Isso porque o ato de enterrar o irmão e o ato de falar que enterrou seu irmão é, num certo sentido, a conclusão do ato. Mas não só isso, esse momento de conclusão beira a performance exagerada da masculinidade que é a arrogância.

Assim, a contestação de Antígona, que ocorreu quando ela se opôs aos discursos soberanos, é a afirmação de sua própria soberania. Ou seja, parece que Antígona, a partir dos dois atos supracitados, assume a forma de uma virilidade, mas o assumir dessa forma não é mais uma incorporação da virilidade em si.

Com isso, as proposições simbólicas de Antígona tornaram-se incoerentes isto é, Antígona, que transgrediu as fronteiras da inteligibilidade do parentesco, representa a fatalidade heterossexual. Antígona, por sua vez, se mostra masculina para vencer o masculino, se posiciona contra esse masculino, que é parentesco, e se posicionando dessa forma, ela se revela como uma espécie de aberração fatal do parentesco.

Tendo em vista isso, por mais que Butler tenha, a princípio, buscado em Antígona um contraponto às tendências feministas que procuravam apoio do estado para colocar em prática os seus objetivos políticos, sua leitura, de certa forma, foi para outro caminho. Se apropriando do conceito de ordem ética, Butler vai notar que a rebeldia e arrogância de Antígona passa a emoldura-la como uma pessoa viril, segundo as normas articuladas que governam as fronteiras de inteligibilidade cultural. Mas essa virilidade é visualizada por causa da apropriação da noção de simbólico. Dado ao fato da intrínseca relação entre o simbólico e a linguagem, é possível dizer que Antígona se apropria do simbólico ao reivindicar seus atos pela fala. É essa apropriação do simbólico que permite à Antígona afirmar sua própria soberania.

Ademais, é importante dizer que a interpretação butleriana de Antígona não foge de seu propósito inicial, isto é: no lugar de pedir ao Estado a autorização para suas ações, assumindo a linguagem, Antígona parte de si mesma para afirmar sua autonomia, performando essa apropriação e permitindo a incorporação das normas do poder que ela se opõe. Nesse sentido,

o ato linguístico de Antígona incorpora a operação normativa de poder, sem que ele precise se tornar operações normativas de poder. Assim, segundo Butler, Antígona pode ser vista como uma heroína quase *queer*, assim como-uma heroína que exerce oposição ao aparelhamento com o Estado.

### **Referências bibliográficas:**

BUTLER, Judith. **A Reivindicação de Antígona: O parentesco entre a vida e a morte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022, 174p.